



Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil

Rio de Janeiro, novembro de 2019

Realização



Apoio



Instituto C&A

Parceiros



Documento elaborado por:

Coordenação geral

GRACIELA HOPSTEIN Coordenadora executiva da Rede de Filantropia para a Justiça Social

Relatoria

ALAHIR MAHA AMARAL

THAIS SILVA MASCARENHAS

Assistência e suporte para a pesquisa e desenvolvimento de conteúdo

MARCO ANTONIO TEIXEIRA Consultor associado ao GIP (Gestão de Interesse Público)

ALINE BORGHOFF MAIA Consultora independente

Design

APE'KU EDITORA E PRODUTORA LTDA



Índice

<i>Apresentação</i>	4
<i>Pontos de partida</i>	5
<i>Quais as ideias e noções relacionadas ao conceito de filantropia comunitária?</i>	6
<i>História da filantropia comunitária: das fundações comunitárias ao movimento #ShiftThePower</i>	8
<i>O movimento #ShiftThePower e a filantropia comunitária</i>	9
<i>Dinâmicas e tendências da filantropia comunitária no contexto internacional</i>	10
<i>Atores estratégicos do ecossistema filantrópico global</i>	11
<i>Financiadores que apoiam o campo da filantropia comunitária</i>	13
<i>Integram o ecossistema filantrópico no Brasil</i>	15
<i>Qual a relevância da filantropia comunitária na atualidade?</i>	16
<i>Afinal, qual o conceito de filantropia comunitária no Brasil?</i>	18
<i>A tropicalização do conceito: a construção de uma definição a partir das experiências práticas</i>	18
<i>Filantropia comunitária no Brasil: histórico, tendências e experiências</i>	20
<i>Grantmaking: uma estratégia para o fortalecimento da filantropia comunitária</i>	22
<i>Experiências de filantropia comunitária no Brasil. Parcerias com organizações doadoras locais</i>	26
<i>Experiências de ampliação e fortalecimento da filantropia comunitária no Brasil</i>	30
<i>Encontro sobre Filantropia Comunitária</i>	34
<i>Seminário Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil</i>	36
<i>Por que é importante promover a filantropia comunitária no Brasil?</i>	42
<i>Como desenvolver estratégias de filantropia comunitária?</i>	43
<i>Questões para reflexão</i>	43
<i>Dicas para investidores sociais</i>	44
<i>Referências Bibliográficas</i>	46
<i>Anexos</i>	48



Apresentação

Este documento tem a finalidade de apresentar o cenário da filantropia comunitária no Brasil e no âmbito internacional a partir da definição de conceitos e do mapeamento de tendências e experiências significativas no campo.

Este trabalho, que pretende ser uma aproximação inicial sobre a temática, foi elaborado com base em levantamentos bibliográficos e documentais e a partir de depoimentos recolhidos em entrevistas realizadas com diversos/as profissionais que atuam no campo da filantropia e do investimento social privado no Brasil. Ele foi concebido como um trabalho aberto, na verdade um pontapé inicial, que não pretende ser um documento completo e acabado, mas o ponto de partida para refletir sobre as práticas e experiências com a finalidade de contribuir com o fortalecimento de filantropia comunitária no país.

Agradecemos a participação das seguintes pessoas entrevistadas:

- ✓ Fabio Deboni – Instituto Sabin
- ✓ Thaís Ferraz – Instituto Arapyauú
- ✓ Mariane Maier Nunes – ICOM
- ✓ Roberto Vilela – Tabôa - Fortalecimento Comunitário
- ✓ Maria Amalia Souza – Fundo Socioambiental Casa

Agradecemos também aos parceiros e financiadores que colaboraram para a elaboração deste documento.



Pontos de partida

A filantropia comunitária vem crescendo de forma visível no âmbito internacional. Para entender essa onda recente de ampliação e expansão da filantropia comunitária, é importante reconhecer que trata-se de uma estratégia baseada no reconhecimento e na valorização do papel das comunidades locais, das suas lideranças e dos seus ativos na execução de ações coletivas voltadas para alcançar o desenvolvimento de um determinado território e das suas populações, de acordo com as suas necessidades, especificidades e potencialidades.

Um ponto de partida fundamental para analisar o conceito de filantropia comunitária é que ela deve ser entendida como um campo em constante construção, como uma forma de atuação na realidade social a partir do desenvolvimento de iniciativas e articulações com diversos atores e dinâmicas, sem a imposição de soluções "de cima para baixo", fortalecendo as vozes e o poder das comunidades em busca de soluções próprias para os problemas existentes e na construção de um bem comum maior.

Um dos aspectos que chama a atenção a partir da análise do cenário global, é o baixo desenvolvimento de iniciativas e estudos sobre a filantropia comunitária no Brasil, fenômeno que estaria indicando que esse tipo de prática filantrópica no país não alcançou níveis importantes de visibilidade e amadurecimento e, portanto, não acompanha as tendências globais de crescimento e expansão.

Este trabalho tem a finalidade de contribuir com a construção da definição de filantropia comunitária a partir de reflexões e análises de experiências que estão sendo desenvolvidas em diversos contextos. Adotando uma perspectiva histórico material, este trabalho pretende contribuir com a definição do conceito no Brasil, na busca pela tropicalização desta noção no âmbito local. Tomando como ponto de partida essa abordagem, a construção do conceito será realizada a partir dos seguintes eixos de reflexão: a) em que medida as experiências de filantropia comunitária desenvolvidas em nível global podem ser transplantados à realidade brasileira?; e b) de que forma construir o conceito de filantropia comunitária no Brasil ultrapassando a lógica da colonialidade e de modelos impostos de "cima para baixo"?

Em termos simples, a decolonialidade – conceito chave para pensar a tropicalização do conceito de filantropia comunitária - e o que se chama "giro de-



colonial” é a tentativa de romper com as estruturas e os saberes legados do processo de colonização. A decolonialidade admite que existe uma imposição dos saberes europeus brancos e masculinos em detrimentos dos saberes da população negra em África e diásporas, mulheres, povos originários, entre outras minorias políticas. O giro decolonial é justamente a tentativa, o ensaio, de superar essa visão do Norte Global e recuperar os saberes apagados e desvalorizados pela colonialidade – ou seja, pelo poder ainda existente entre as antigas metrópoles e colônias ou os rastros que ele possa ter deixado. Trata-se de empoderar saberes e comunidades vítimas da colonização e seus legados, e não de impor sobre elas uma epistemologia opressora.

Entender como a filantropia se concretiza no Brasil e, em linhas gerais no Sul global, é de extrema importância para o desenvolvimento de novas estratégias e narrativas a partir de outros referenciais. O alcance da filantropia internacional é imenso, sem dúvidas, mas a importância de criar novas formas do fazer filantrópico é urgente, muito mais considerando os desafios emergentes no contexto político brasileiro.

Quais as ideias e noções relacionadas ao conceito de filantropia comunitária?

Existem muitas definições e trabalhos desenvolvidos voltados para analisar o conceito de filantropia comunitária. Partindo da ideia de que trata-se de uma abordagem prática, entendida como um modo de fazer, apresentamos como referência as noções desenvolvidas por Jenny Hodgson e Anna Pond (2018)¹:

“A filantropia comunitária pode ser definida como uma forma e uma força voltada para o desenvolvimento de recursos, talentos, capacidades e confiança locais. É uma forma de transferir poder para mais perto da base, para que as populações e atores locais tenham maior controle de seu próprio destino.”

“É uma estratégia voltada para agrupar e organizar diversos recursos e talentos da comunidade de maneira que ela não seja mais vista como ‘beneficiária’ no sentido tradicional, mas sim como ‘coinvestidora’ em seus próprios processos de desenvolvimento.”

¹ Trecho retirado de “How Community Philanthropy Shifts the Power”.



É importante ressaltar, mais uma vez, que a construção do conceito de filantropia comunitária se dá a partir da prática e de experiências concretas. Ela não é, afinal, um modelo pronto a ser aprendido e replicado, mas uma abordagem que pressupõe formas de fazer e de atuação das comunidades envolvidas a partir das especificidades culturais, conjunturais e territoriais.

Para avançar na análise, destacamos algumas ideias-chave que sustentam o conceito:

- ✓ A filantropia comunitária é baseada na premissa de que todas as comunidades têm seus próprios recursos e talentos (dinheiro, habilidades, conhecimento, redes etc.). Colocados juntos, esses elementos lhes dão poder e voz.
- ✓ Ao contribuírem oferecendo seus próprios recursos, as pessoas começam a se sentir coinvestidoras, com participação em seu próprio desenvolvimento.
- ✓ Quando as pessoas sentem que têm algo em jogo, elas se importam mais com os resultados, e as evidências mostram que elas se tornam mais interessadas em agir de maneira a promover e proteger seus interesses coletivos.
- ✓ Quando contribuições locais são colocadas na mesa, é criada uma dinâmica de poder diferente, mais horizontal, na relação com doadores externos, o que desafia a dinâmica tradicional do "doador-beneficiário".
- ✓ Quando recursos locais são mobilizados, surgem novas formas mais horizontais de responsabilização, baseadas na confiança e na transparência.

Certamente, a análise da trajetória histórica da filantropia comunitária oferece subsídios relevantes para entender não apenas a noção, mas principalmente as experiências e movimentos que a sustentam.



História da filantropia comunitária: das fundações comunitárias ao movimento #ShiftThePower

A história da filantropia comunitária no cenário internacional está diretamente ligada ao surgimento das fundações comunitárias. A primeira, a Cleveland Foundation, foi criada em 1914, em Cleveland, Ohio, nos Estados Unidos.

Com o tempo, fundações comunitárias no molde de Cleveland foram sendo estabelecidas em todo o território dos Estados Unidos. Mais tarde, o conceito se espalhou também para o Canadá (1921) e depois atravessou o oceano para o Reino Unido (1975) e para a Alemanha (1996).

A partir de meados da década de 1990, após a queda do Muro de Berlim, foram criadas fundações comunitárias (com apoio de doadores internacionais, incluindo fundações privadas) em países do Leste Europeu. No contexto dessa onda expansiva, o conceito de fundação comunitária só “chegou” na África e na América Latina entre meados da década de 1990 e início dos anos 2000. Desde então, o movimento foi ganhando escala e novos contornos de acordo com as características e as realidades locais e regionais.

Certamente, entender que são as fundações comunitárias e quais as suas principais características é relevante aos fins deste documento. São organizações da sociedade civil que buscam, através de diversas formas, promover a articulação de múltiplos ativos locais em prol das comunidades. Elas costumam ter uma base diversa de doadores e investidores sociais e, muitas delas, procuram desenvolver estratégias de sustentabilidade a partir da formação de fundos de naturezas diversas — temáticos, familiares, empresariais, emergenciais etc. — incluindo *endowments* (fundos permanentes ou patrimoniais).

As fundações comunitárias costumam assumir três funções principais: a) o desenvolvimento de ações de *grantmaking* (apoio a projetos ou iniciativas de base comunitária); b) ser um veículo para a filantropia de indivíduos e empresas com interesse no desenvolvimento dos territórios onde vivem ou atuam; e c) ocupar um lugar de liderança nas comunidades e desenvolver ações de *advocacy* (defesa de direitos) (KNIGHT, 2012).

O “Atlas das Fundações Comunitárias” – desenvolvido em parceria com Candid (anteriormente Foundation Center and Guidestar), Global Fund for Community Foundations, e CENTRIS (The Centre for Research and Innovation in So-



cial Policy and Practice) - mapeou as fundações comunitárias presentes nos cinco continentes (tabela 1). Através de uma rápida análise a partir desses dados, pode-se identificar que, em 2014, existia um enorme abismo entre o número de fundações comunitárias na América do Norte e Europa e na América do Sul, África, Ásia e Oceania. O baixíssimo número de fundações comunitárias registradas no Sul global pode ser atribuído ao fato de que o conceito de "filantropia comunitária" chegou no Sul global apenas no fim do século XX.

Tabela 1. Número de fundações comunitárias em função da região geográfica.

Região Geográfica	Nº de Fundações Comunitárias
América do Norte	1.033
Europa	669
Ásia	62
Oceania	56
África	32
América do Sul	11

Fonte: Community Foundation Atlas, 2014.

Porém, é importante destacar que embora a filantropia comunitária teve origem no Norte Global a partir da instalação de fundações comunitárias que foram se espalhando em diversos continentes, na América do Sul, como analisaremos a seguir, o modelo "chegou tardiamente". Entretanto, partimos da premissa que a filantropia comunitária na região foi desenvolvida sob outras dinâmicas, adotando formas menos identificáveis, mas que de fato sempre estiveram presentes nos diversos tecidos sociais, adotando características próprias, adequadas às realidades e aos diversos contextos sociopolíticos.

O movimento #ShiftThePower e a filantropia comunitária

Um marco importante no contexto histórico da filantropia comunitária foi o movimento #ShiftThePower (Transferir o poder), que foi "o grito de guerra" do evento Global Summit on Community Philanthropy, realizado nos dias 1 e 2 de dezembro de 2016 em Joanesburgo, África do Sul, o qual reuniu cerca de 400 pessoas de mais de 60 países. Para muitos/as dos/das presentes, a energia e a emoção na Cúpula confirmaram que a filantropia comunitária era, de fato, um



campo — ou mesmo um movimento — que ia para além de fazer parte de uma rede cada vez mais enérgica, sofisticada e ampla de atores que procuram abordar questões de poder e inovar o sistema de filantropia.

Em linhas gerais, o movimento #ShiftThePower aborda e entende o surgimento da filantropia comunitária como uma nova maneira de ver o desenvolvimento socialmente justo e sustentável. A essência da filantropia comunitária é que o desenvolvimento deve ser responsabilidade da população local, em vez de imposto de fora, e esse poder deve — e pode — ficar mais perto da base para dar às pessoas maior controle sobre seu próprio destino. A filantropia comunitária também enfatiza os recursos locais e a responsabilidade local, o que pode ser menos evidente em abordagens de desenvolvimento mais convencionais (de cima para baixo), porque desempenham um papel importante na promoção de um senso de responsabilidade e de adesão da comunidade.

O movimento #ShiftThePower provocou o surgimento de novas narrativas comunicacionais e alcançou o “*trending topic*” do Twitter no Canadá, Quênia e na África do Sul, atingindo cerca de 37,5 milhões de usuários. A partir de então, a GFCF passou a usar a hashtag como meio de ampliar o debate e o público relacionado ao tema. #ShiftThePower também passou a ser utilizada por outros atores que buscam promover o desenvolvimento sob novas bases, fortalecendo o poder local para isso.

Esse movimento implicou não apenas uma nova forma de ver e entender a filantropia comunitária, partindo do reconhecimento da existência de diferentes formas de organização comunitária para a mobilização de recursos, mas também na articulação de atores para a busca de soluções a problemas locais.

Dinâmicas e tendências da filantropia comunitária no contexto internacional

A pesar de reconhecer que a filantropia comunitária está atravessando uma onda de crescente expansão no âmbito internacional, com discussões renovadas e com novas formas de conectividade e de atuação criativa, trata-se ainda de um campo “jovem”, que muitas vezes é concebido como o “primo pobre”² da filantropia e/ou do investimento social privado.

² Referência ao artigo “More than a Poor Cousin?” publicado pela Global Fund for Community Foundation (HODGSON e KNIGHT, 2010).



Partindo dessa premissa, é importante reconhecer que o fortalecimento desse campo de atuação (filantropia comunitária) precisa de apoio e suporte, principalmente das organizações que integram os ecossistemas filantrópicos locais e internacionais, considerando que eles têm alcance e recursos para conectar instituições, grupos e coletivos de base comunitária à grandes financiadores e agências de desenvolvimento. Inclusive, essa colaboração/articulação é fundamental não apenas para mostrar a relevância da filantropia comunitária no campo do desenvolvimento (territorial e comunitário), mas também porque ela pode contribuir para promover e dar visibilidade às experiências existentes, deslocando-as da "periferia para o centro".

Atores estratégicos do ecossistema filantrópico global

De acordo com WINGS³, o conceito de ecossistema filantrópico é fundamental para entender o campo e, ao mesmo tempo, é condição fundamental para o seu desenvolvimento em diversos níveis já que oferecem suporte para o crescimento e expansão de organizações e iniciativas. Desde esta perspectiva, ecossistemas filantrópicos estruturados e sólidos contribuem com a produção de conhecimentos para o setor, para a criação de articulações através de redes e também de ambientes e marcos legais adequados para o seu desenvolvimento, instalando a confiança e promovendo credibilidade entre doadores, investidores e organizações sociais.

No campo da filantropia comunitária existem um conjunto de organizações estratégicas que integram os ecossistemas global e local que oferecem suporte para o desenvolvimento de organizações, iniciativas e projetos no campo. Considerando que o ecossistema filantrópico internacional é complexo e robusto, apresentamos a continuação, as organizações que têm foco de atuação na filantropia comunitária, com as quais as instituições brasileiras têm tido maior contato e troca e, portanto, pautam a agenda.

Integram o ecossistema filantrópico global:

³ Referência ao artigo publicado no site da WINGS, em 2018, "What makes a strong ecosystem of support to philanthropy?" (KNIGHT, 2018).



Global Alliance for Community Philanthropy (GACP)

A aliança é composta pela colaboração de múltiplos doadores e demais partes interessadas para realização de atividades conjuntas destinadas a promover a prática da filantropia comunitária, além de influenciar os atores internacionais de desenvolvimento para apoiar e promover o papel da filantropia comunitária na obtenção de resultados mais duradouros. Atualmente, o GACP inclui seis financiadores: a Fundação Aga Khan, a Fundação Charles Stewart Mott, a Fundação Ford, a Fundação Interamericana, o Fundo Rockefeller Brothers e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Informações adicionais: www.globalfundcommunityfoundations.org.

Candid (ex-Foundation Center)

O Foundation Center foi criado em 1956 para lançar luz sobre o trabalho filantrópico desenvolvido pelas fundações norte-americanas por meio de dados, análises e treinamentos. Para promover uma maior visibilidade do campo no nível global, a antiga Foundation Center e atual Candid, construiu um dos bancos de dados mais abrangentes do mundo, disponibilizando conhecimento robusto e acessível para o setor. A fundação também realiza programas de pesquisa, educação e treinamento destinados a promover o conhecimento da filantropia em todos os níveis. Informações adicionais: www.foundationcenter.org.

WINGS (Worldwide Initiatives for Grantmaker Support)

É uma rede global de associações de doadores. Ela surge dos desdobramentos do encontro com doadores intermediários realizado em Oaxaca, no México, no início de 1998. Após dois anos de deliberações e planejamento, foi criada a WINGS, que se dedica a dar voz às muitas culturas de doação ao redor do mundo, fortalecendo o apoio à filantropia e ao investimento social. Além de acesso on-line às informações mais recentes sobre o campo e oportunidades de aprendizagem entre pares, um vigoroso programa de pesquisa disponibiliza mapeamento dos financiadores, estudos de caso de organizações de apoio e um Relatório Semestral Global sobre Fundações Comunitárias. Os recursos de capacitação fornecidos pela WINGS vêm contribuindo para a proliferação e crescente eficácia das organizações de apoio às fundações comunitárias em todo o mundo. Informações adicionais: wingsweb.site-ym.com.



Philanthropy for Social Justice and Peace

A Philanthropy for Social Justice and Peace (PSJP) é uma rede filantrópica focada na mudança social. Tem como principal objetivo apoiar o desenvolvimento e a adoção de novas ideias para o campo do fazer filantrópico. A sua atuação é estratégica promovendo: a reformulação do que é a mudança social – trabalhando de baixo para cima; a filantropia enquanto círculo de aprendizagem – e na criação de infraestruturas locais. A PSJP também trabalha para conectar e fortalecer as instituições, grupos e indivíduos que estão desenvolvendo trabalhos em nível comunitário e para doadores (indivíduos ou instituições). Informações adicionais: <http://www.psjp.org/about-us/>.

Rede Ibero-americana de Fundações Comunitárias

Trabalha para o desenvolvimento das comunidades ibero-americanas por meio do fortalecimento das fundações Cívicas ou Comunitárias que atuam na Península Ibérica, América Latina e Caribe. É um espaço de diálogo e de intercâmbio de conhecimentos e experiências com o propósito de fortalecer esse tipo de organização na região ibero-americana. Os membros são fundações comunitárias que estão localizadas em diferentes países da região, como Brasil, México, Uruguai, Costa Rica, Porto Rico, Espanha e Portugal⁴. Na América Latina e Caribe, há 38 registros de fundações comunitárias que se reconhecem como tal, sendo 11 na América do Sul e 27 no México, país que se aproxima do modelo de fundações comunitárias dos Estados Unidos (de acordo com dados do Community Foundations Atlas). Na Rede Ibero-Americana de Fundações Comunitárias há 24 organizações, das quais 15 são da América Latina. Informações adicionais: <http://fciberoamericanas.org/pb/>.

Financiadores que apoiam o campo da filantropia comunitária

Global Fund for Community Foundations (GFCF)

O Fundo Global para Fundações Comunitárias (GFCF) é um doador voltado para movimentos de base que trabalham para promover e apoiar instituições de filantropia comunitária em todo o mundo. O Fundo trabalha com fundações

⁴ Disponível em: <<http://fciberoamericanas.org/pb/a-rede/>>. Acesso em 26/09/2018.



comunitárias, indivíduos e outros doadores locais e suas redes em nível internacional, com foco particular no Sul global e nas economias emergentes da Europa Central e Oriental. Por meio de pequenas doações, apoio técnico e trabalho em rede, o GFCF ajuda as instituições locais a se fortalecerem e crescerem, a fim de que possam realizar seu potencial como veículos para o desenvolvimento local e como parte da infraestrutura para o desenvolvimento sustentável e a participação cidadã. Informações adicionais: www.globalfundcommunityfoundations.org.

Charles Stewart Mott Foundation (Mott)

A Fundação Charles Stewart Mott vem há quase nove décadas – quando foi criada pelo seu fundador (que deu o nome à instituição) – realizando trabalhos relacionados à educação no campo da filantropia. Tem por objetivo construir, através da educação, uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável a partir da busca por mudanças sistêmicas que melhoram a vida das pessoas, fortalecem as comunidades e promovem o sucesso das instituições. É uma das principais fundações que apoiam iniciativas na área de filantropia comunitária e especificamente na criação e desenvolvimento institucional de fundações comunitárias em nível global, em diversas regiões e continentes. Informações adicionais: <https://www.mott.org/>.

Fundação Interamericana (IAF)

A Fundação Interamericana (IAF), órgão independente do Governo dos Estados Unidos, foi criada pelo Congresso Americano em 1969 para canalizar a ajuda para o desenvolvimento de populações de baixa renda na América Latina e no Caribe. A IAF tem cumprido seu mandato respondendo com o apoio de doações às ideias mais criativas de autoajuda recebidas de grupos de base e organizações não governamentais. Também incentiva parcerias entre organizações comunitárias, empresas e governo local, destinadas a melhorar a qualidade de vida das pessoas de baixa renda e a fortalecer as práticas democráticas. Desde 1972 já concedeu mais de 5.100 doações, perfazendo um total superior a US\$720 milhões. As doações da IAF apoiam de forma predominante a geração de renda e melhores condições de vida. Ao conceder doações para o desenvolvimento, a IAF empenha-se em assegurar a participação dos povos indígenas, afrodescendentes e pessoas com deficiência, bem como incentiva sua inclusão nos processos políticos e sociais. Informações adicionais: <https://www.iaf.gov/pt/>.



Integram o ecossistema filantrópico no Brasil

Rede de Filantropia para a Justiça Social

A Rede é um espaço que reúne fundos e fundações comunitárias e organizações doadoras (*grantmakers*) que apoiam diversas iniciativas nas áreas de justiça social, direitos humanos e cidadania. O apoio das organizações membros se concretiza por meio da doação de recursos financeiros – diretos e indiretos – a instituições e grupos da sociedade civil, lideranças e movimentos sociais que contribuem com o processo de transformação social e/ou lutam pelo reconhecimento de direitos em diversas áreas e regiões do país. Entre os anos 2000 e 2017, as organizações membros doaram de forma direta um total de R\$146.895.761,20 (aproximadamente US\$41.970.217) para 10.669 organizações da sociedade civil (OSCs) e movimentos sociais no Brasil. Informações adicionais: www.redefilantropia.org.br.

Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE)

O GIFE é a associação dos investidores sociais do Brasil, sejam eles institutos, fundações ou empresas. Nascido como grupo informal em 1989, o GIFE – Grupo de Institutos Fundações e Empresas, foi instituído como organização sem fins lucrativos, em 1995. Desde então, tornou-se referência no país no tema do investimento social privado. A Rede GIFE é marcada pela diversidade de seus associados, tanto na origem – podendo ser empresarial, familiar, independente ou uma organização comunitária – quanto em seus temas e formas de atuação. São atualmente 160 associados que, somados, investem por volta de R\$ 2,9 bilhões anuais na área social (dados de 2016), operando projetos próprios ou viabilizando os de terceiros. O papel central do GIFE é gerar conhecimento a partir de articulações em rede para aperfeiçoar o ambiente político institucional do investimento social e ampliar a qualidade, legitimidade e relevância da atuação dos investidores sociais privados. Informações adicionais: www.gife.org.br.

Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS)

O IDIS é uma organização da sociedade civil de interesse público fundada em 1999 e pioneira no apoio técnico ao investidor social no Brasil. Seu foco é a criação e participação em ações sociais estratégicas e trans-



formadoras da realidade para a redução das desigualdades sociais no país. A IDIS trabalha para aumentar o impacto do investimento social privado, construindo parcerias e projetos, produzindo e compartilhando conhecimento. Atualmente, o IDIS opera de duas formas: desenvolvendo iniciativas próprias e oferecendo apoio operacional a projetos de empresas, famílias, indivíduos e comunidades. As duas frentes são sempre desenhadas por meio de parcerias; e podem ser classificadas em quatro eixos de atuação: apoio técnico; gestão da doação; implantação de projetos; e advocacy. Informações adicionais: <https://www.idis.org.br/>.

Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR)

A ABCR é uma organização sem fins lucrativos composta por captadores e mobilizadores de recursos e que tem como principal objetivo estabelecer uma ampla rede nacional, fortalecendo os laços entre os profissionais que atuam na área e propiciando condições para o intercâmbio técnico, a troca de experiências e o desenvolvimento comum da profissão. Criada em 1999, a ABCR tem como missão promover, desenvolver e qualificar a atividade de captação de recursos, vista hoje como um dos grandes desafios do Terceiro Setor. Entre suas principais metas, destacam-se a de trabalhar para assegurar a credibilidade e representatividade da profissão e a de apoiar, indiretamente, organizações sociais na importante tarefa de construir uma sociedade mais justa. Atualmente, são mais de 400 os associados da ABCR, individuais e sócios mantenedores (organizações da sociedade civil ou empresas), espalhados por todo o país. Informações adicionais: <https://captadores.org.br/>.

Qual a relevância da filantropia comunitária na atualidade?

No cenário atual, é possível afirmar que o paradigma político baseado na democracia representativa e no modelo econômico desenvolvimentista estão atravessando por uma profunda crise, impactando diversos contextos sociais (em níveis global e local) e também o campo da filantropia. Descrença nas instituições, na burocracia, nas noções dominantes de representatividade e no potencial verdadeiramente transformador do



grande capital, são algumas das características com as quais precisamos nos defrontar para entender o lugar que a filantropia comunitária ocupa no cenário internacional e brasileiro.

Entretanto, apesar da conjuntura da crise, (ou, em parte, por consequência dela) é possível reconhecer a emergência de novas dinâmicas sociais. Certamente neste cenário, a filantropia comunitária tem contribuído com novos olhares e na promoção de formas de organização coletiva a partir da disseminação de conceitos tais como: redes; criação conjunta; arquiteturas coletivas; cultura “*maker*”; diversidade; empoderamento; recursos locais; desenvolvimento sustentável; transparência; escuta e confiança, dentre outros.

Se bem é verdade que o auxílio ao desenvolvimento oriundo de doadores do Norte Global está sendo reduzido (principalmente no contexto das economias emergentes), ao mesmo tempo estão surgindo novas práticas filantrópicas em nível local. A proliferação de fundações privadas, familiares e corporativas em países como Rússia, China, Índia e Brasil oferecem novas oportunidades potenciais de mobilizar recursos para o desenvolvimento social e econômico, com financiamento local. Entretanto, nesse contexto é importante reconhecer que a substituição de modelos de financiamento internacional por locais não pode ser realizada de forma imediata. Trata-se de um processo lento que implica adaptações e um importante investimento no fortalecimento dos ecossistemas filantrópicos nos contextos de atuação.

A retirada abrupta da filantropia e da cooperação internacional tem deixado importantes vácuos no financiamento da sociedade civil brasileira, situação que vem impactando profundamente as OSCs locais, principalmente de base comunitária e que atuam no campo dos direitos. Certamente, no contexto atual, o financiamento internacional continua sendo estratégico, principalmente quando direcionado para o fortalecimento dos ecossistemas filantrópicos locais, promovendo e alavancando iniciativas voltadas a promover a cultura de doação e do grantmaking.

No Brasil, trata-se de um campo em processo de expansão e amadurecimento. Precisamos olhar para ele, entretanto, com uma lente “tropical”. Embora a filantropia comunitária tenha sido impulsionada e promovida predominantemente por organizações filantrópicas internacionais, as realidades concretas de cada contexto influenciam diretamente na forma como as demandas, estratégias, experiências, desafios e atores se apresentam



na arena filantrópica.

Trata-se de visibilizar aquilo que sempre esteve invisível aos olhos, inclusive, do fazer da “filantropia tradicional”. Dar voz às periferias, às margens, talvez seja uma contribuição urgente e importante que a filantropia comunitária é capaz de trazer para o Brasil (e tal vez para o Sul Global). Resumindo: trata-se de uma abordagem baseada no reconhecimento que pessoas, movimentos e organizações não são apenas receptores de doações e ações, mas que são capazes de, por si mesmas, transformar as realidades locais e sociais nas quais estão inseridas.

Afinal, qual o conceito de filantropia comunitária no Brasil?

A tropicalização do conceito: a construção de uma definição a partir de experiências práticas

Como mencionado ao longo deste documento, é importante reconhecer que o conceito de filantropia no Brasil está sendo forjado nas práticas cotidianas desenvolvidas pelos diversos atores que atuam no campo. Reconhecendo essa característica, nosso esforço se afasta da ideia de definir o que é filantropia comunitária de forma abstrata e se aproxima da tentativa de reconhecer as características e dinâmicas no campo como elementos constitutivos para a sua construção, a partir de um processo progressivo de observação e análise da realidade.

De alguma forma, não se trata da importação de um conceito pré-determinado, mas da construção prática e decolonial do que é o fazer filantrópico comunitário no Brasil. Partir da prática para forjar um conceito capaz de acompanhar o que vem sendo feito e/ou ensaiado. Empoderar as vozes aqui presentes ao invés da simples imposição de regras e conceitos que não necessariamente seriam capazes de traduzir a realidade das minorias políticas no país.

Dessa forma, o conceito de filantropia comunitária no Brasil está associado principalmente às seguintes noções:



1. Investimento de recursos financeiros e outros ativos locais;
2. Foco em questões locais/comunitárias/territoriais para o desenvolvimento;
3. Fortalecimento do poder comunitário e de lideranças locais;
4. Fortalecimento de ações voltadas à promoção de acesso aos direitos, entendido como condição fundamental (ex-ante) para o desenvolvimento local/territorial.
5. Protagonismo e tomada de decisões pela comunidade e pelas lideranças locais;
6. Articulação de parcerias e fortalecimento de redes locais;
7. Desenvolvimento de soluções com protagonismo comunitário;
8. Confiança e solidariedade como gramáticas mediadoras das relações;
9. Independência e autonomia na alocação de recursos.

De acordo com as entrevistas realizadas:

“A filantropia comunitária é uma forma de trazer voz, poder e recursos na busca de enfrentamento de diversas questões para pessoas e organizações que estão lá na ponta”. (Fabio Deboni)

“No ICOM a gente vê a filantropia comunitária como um movimento natural de autoajuda entre pessoas. Parte da ideia de que as pessoas que vivem num determinado território desenvolvem confiança umas nas outras; elas conhecem muito bem os seus próprios desafios e oportunidades de melhoria; e elas agem proativamente para que haja de fato melhorias nas condições de vida naquele território”. (Mariane Maier Nunes).

“Filantropia comunitária diz que, se uma comunidade está mobilizando recursos locais para benefícios da comunidade, isso se configura como filantropia comunitária”. (Maria Amalia Souza)

“Eu diria que o sucesso da ação socioeconômica, cultural e ambiental depende em parte de um conhecimento que é local. E principalmente de reputação. Ou seja, um projeto é bem-sucedido e bem aceito se quem o empreende tem conhecimento de como funciona a comunidade e se tem



reputação e capital social para implementá-lo. Essas duas características são ativos importantes das organizações de base. [...] Esse conhecimento deveria ser valorizado e empoderado. É possível fortalecer esse conhecimento e esse capital social com ferramentas de monitoramento, com tecnologias de acompanhamento de projeto para sofisticar ainda mais esse trabalho". (Roberto Vilela)

Com esses pontos de partida, podemos nos debruçar sobre algumas tendências e experiências que caracterizam o campo da filantropia comunitária no Brasil.

Filantropia comunitária no Brasil: histórico, tendências e experiências

A pesar de que a noção contemporânea de filantropia comunitária tenha sido instalada no Brasil no contexto do novo milênio, as práticas e ações no campo remontam à pré-conquista e à época colonial. Certamente as experiências das irmandades e das comunidades indígenas e quilombolas são significativas e relevantes para entender a filantropia de justiça social comunitária no Brasil.

A filantropia no Brasil foi iniciada durante a colonização e estava estreitamente ligada à Igreja Católica e à fundação das irmandades. Ambas jogaram um papel importante na assistência social e formação da sociedade civil brasileira.

As irmandades eram associações católicas autônomas⁵ e estruturadas com base em algumas reminiscências medievais da península ibérica. Dedicavam-se à devoção da fé; às festas religiosas; às obras de caridade; à assistência médica e aos órfãos; ao apoio na velhice; ao sepultamento e ritos fúnebres; às missas encomendadas; à proteção contra os maus tratos dos escravocratas e à compra da carta de alforria (liberdade para os/as escravos/as). As irmandades viviam das colaborações de associadas e associados e das mobilizações de recursos feitas através de venda de comida, festas e doações arrecadadas dentro e fora das irmandades. As mulheres jogaram um papel muito importante na construção e no desenvolvimento da filantropia (tradicional e de justiça social) brasileira como receptoras das doações, arrecadadoras e voluntárias.

⁵ Schumacher Schuma, Vital Brazil Ericco, "Mulheres Negras do Brasil". Rio de Janeiro:Redeh/ SENAC, 2006.



Os/as afro-brasileiros/as através das suas irmandades e do hábito de poupar tiveram a visão de usar a filantropia como um meio de libertação, de acesso à cidadania, de fazer justiça social. Talvez possamos afirmar que foram instituições precursoras da filantropia de justiça social e comunitária. As irmandades das pessoas negras arrecadavam recursos para comprar alforria de escravos/as. Além da preocupação pela liberdade, também tinham consciência da importância da educação para exercer a cidadania.

As Irmandades Negras e os Quilombos podem ser, talvez, os maiores exemplos de resistência, empoderamento e de apoio financeiro à população negra no Brasil, um antecedente relevante no campo da filantropia, uma vez que possibilitavam que os/as afro-descendentes ocupassem e definissem de maneira autônoma formas de organização e atuação social (numa dinâmica de de baixo para cima).⁶

Como mencionado anteriormente, a filantropia comunitária no Brasil, no limiar do século XXI, começou a ganhar fôlego com a criação de fundações comunitárias. Na fase inicial, esse movimento foi fortemente influenciado e alavancado por organizações internacionais, como *Synergos* e a *Fundação Kellog*. Anos mais tarde, as fundações familiares brasileiras — como a Fundação Tide Setubal e Arapyauá — também tiveram um papel estratégico na criação de fundações e fundos comunitários, como o Fundo Zona Leste Sustentável e o Tabôa - Fortalecimento Comunitário, respectivamente.

Cabe ressaltar mais uma vez que mesmo que a filantropia comunitária tenha sido alavancada a partir de recursos advindos da filantropia internacional, a instalação desse movimento não pode implicar a imposição de uma forma de fazer “de cima para baixo”, mas sim a busca de modalidades próprias de atuação no campo comunitário.

No Brasil, pode-se reconhecer a existência de fundações comunitárias e de fundos comunitários: o Instituto Rio, o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICOM), o Instituto Baixada Maranhense, o Fundo Zona Leste Sustentável e o Tabôa - Fortalecimento Comunitário.

Embora as fundações comunitárias sejam as instituições mais reconhecidas no campo, há muitas outras iniciativas em andamento. Como destacou Maria Amalia Souza:

⁶ Trecho baseado no capítulo “Filantropia e equidade racial no Brasil” do livro “Filantropia de justiça social, sociedade civil e movimentos sociais no Brasil” (pág. 141-142) (Santos e Moreira, 2018).



“Há muitos grupos comunitários fora do radar de qualquer fundação nacional, internacional, familiar (...) A gente teria que fazer um esforço maior para identificá-las e para que as pessoas que atuam nesse campo entendam que esse universo existe, se autorreconheçam e aproveitem, porque há recursos disponíveis para estimular esse campo. Nossa intenção é fazer com que nossos apoiados eventualmente acessem esses recursos e se fortaleçam como filantropia comunitária.”

Para muitas fundações comunitárias, o *grantmaking* é uma ferramenta estratégica para fortalecer e catalisar a ação das comunidades, e funciona como “ponte” entre diferentes grupos, com base na mobilização de ativos e na construção de confiança e responsabilidade. Como analisaremos a seguir, o *grantmaking* é uma estratégia desenvolvida não apenas pelas fundações comunitárias, mas também por outros atores do campo da filantropia no Brasil, que buscam fortalecer organizações da sociedade civil em diversas áreas temáticas e territórios.

Grantmaking: uma estratégia para o fortalecimento da filantropia comunitária

O *grantmaking* é uma estratégia que consiste no apoio financeiro — através de doações — para fomentar o trabalho de organizações da sociedade civil, grupos, movimentos e lideranças. É uma prática contínua que consiste em potencializar e agregar recursos e novas capacidades a projetos e iniciativas da sociedade civil, ampliando e fortalecendo as suas possibilidades do fazer social (no sentido amplo do termo) e, portanto, da democracia brasileira.

Com essa estratégia, procura-se instalar dinâmicas “de baixo para cima”, potencializando o que já existe, valorizando as iniciativas presentes nos diversos tecidos sociais. Essa estratégia busca apoiar atores da sociedade civil que estão presentes nos territórios e que conhecem profundamente as suas realidades, demandas e prioridades.

Embora as fundações comunitárias sejam atores destacados no apoio às organizações da sociedade civil (muitas delas de base comunitária), por meio de práticas de *grantmaking*, é possível reconhecer a presença de outros atores que desenvolvem essa estratégia, tais como: os fundos que integram a Rede de Filantropia para a Justiça Social, fundações e institutos empresariais que integram o GIFE, fundações familiares e também fundações internacionais (algu-



mas delas baseadas no Brasil).

Apesar de não existirem informações completas sobre as práticas de *grant-making* no Brasil, o Censo GIFE 2016 revela que os investidores sociais se relacionam com as organizações da sociedade civil de diversas formas. Dos 116 respondentes, 55% disseram apoiar programas de organizações da sociedade civil por meio de doação/patrocínio pontual, 58% disseram apoiar a partir de linhas programáticas e/ou processos de seleção e 24% apoiam institucionalmente organizações da sociedade civil (desvinculado de projetos ou programas específicos). Por outro lado, 72% dos investidores sociais executam diretamente seus próprios projetos ou programas e 51% desenvolvem seus próprios projetos com apoio de terceiros, indicando que o investimento social privado no Brasil possui um perfil bastante executor.

A partir dessa análise, percebe-se que as organizações combinam diversas estratégias de apoio a projetos de terceiros e desenvolvimento de projetos próprios. Combinando as respostas a essa pergunta com a indicação de quanto do orçamento das organizações é destinado a projetos próprios e quanto é destinado a projetos de terceiros, o Censo apresenta uma classificação dos investidores sociais em relação a sua forma de atuação com o objetivo de apresentar uma análise objetiva e de fácil compreensão.

Com base nessa análise constata-se que 16% dos investidores são classificados como predominantemente doadores para outras organizações da sociedade civil (OSCs), 41% são classificados como organizações que tanto doam quanto executam e 43% são classificados como predominantemente executores. Em termos de volume de recursos, ainda segundo dados do Censo GIFE 2016, os investidores sociais repassaram um total de 595 milhões de reais para apoiar projetos de terceiros, sendo as organizações da sociedade civil as principais parceiras dos investidores e portanto, principais receptoras desses recursos - um volume importante, mas 33% inferior a 2014 e que tem potencial um enorme potencial de expansão.

O Censo GIFE 2016 revela que um baixo percentual dos membros (16%) são doadores para outras organizações da sociedade civil (OSCs).

No caso das organizações membros da Rede de Filantropia para a Justiça Social — que são na sua totalidade organizações *grantmakers* — é possível observar que o seu trabalho na área é significativo em termos dos recursos doados e das iniciativas apoiadas. De acordo com a tabela abaixo (tabela 2), desde o momento da criação de cada um dos membros até o ano de 2017, a doação direta de recursos foi de R\$ 142.611,540,79 para apoiar 10.040 iniciativas da sociedade civil.



Tabela 2. Doações diretas e projetos apoiados no Brasil da Rede de Filantropia para a Justiça Social.

Ano	Doações Diretas	Projetos apoiados
Até 2016	R\$ 91.713.564,00	8581
2016	R\$ 24.559.903,71	749
2017	R\$ 26.338.073,08	710
Total =	R\$ 142.611.540,79	10040

Fonte: Pesquisa de avaliação e levantamentos internos da Rede de Filantropia para a Justiça Social, 2018.

Certamente, existe uma grande diferença entre as estratégias e modalidades de atuação das organizações membros da Rede com relação aos *grantmakers* do Norte global (ou da filantropia tradicional), já que aquelas devem ser entendidas como organizações que estão ancoradas no contexto sociopolítico brasileiro e latino-americano (muitas delas foram criadas por ativistas), com um profundo conhecimento das realidades e tecidos territoriais, com uma forte capacidade de articulação e de compreensão das demandas específicas e de dar respostas imediatas às necessidades de grupos, coletivos e movimentos. Embora a grande maioria dos fundos e fundações comunitárias mobilizem recursos com fundações internacionais levando em conta seu capital imaterial, sua capacidade de mobilização, de articulação e de transformação, e sua capilaridade e seu alcance de atuação, os fundos e fundações comunitárias devem ser concebidos não apenas como parceiras das grandes fundações doadoras, com capacidade de defender causas e de incidir de forma colaborativa em suas agendas e estratégias de atuação, mas também como atores estratégicos para a promoção da filantropia comunitária (até porque muitos dos fundos apoiam organizações de base comunitária).

Fazendo um recorte sobre as práticas de *grantmaking* no contexto das fundações comunitárias brasileiras, de acordo com as informações apresentadas na tabela abaixo (tabela 3), essas instituições doaram, desde o momento da sua criação até o ano de 2017, um total de R\$ 4.994,026 para apoiar 516 iniciativas de base comunitária, conforme tabela a seguir:



Tabela 3. Recursos doados e projetos apoiados pelas instituições no contexto das fundações comunitárias.

Instituição	Recursos doados	Projetos apoiados
Instituto Rio	R\$ 2.566.656	256
ICOM	R\$ 1.707.970	148
Instituto Baixada	R\$ 340.000	48
Tabôa - Fortalecimento Comunitário	R\$ 379.400	64
TOTAL	R\$ 4.654.366	516

Fontes: Relatórios institucionais. Pesquisa de avaliação e levantamentos internos da Rede de Filantropia para a Justiça Social, 2018.

Todas as organizações e projetos apoiados pelos fundos e fundações comunitárias da Rede de Filantropia para a Justiça Social através de programas de *grantmaking* são monitorados e avaliados, garantindo a qualidade da gestão das ações desenvolvidas e dos recursos executados, com a finalidade de conhecer a eficácia (benefícios) e efetividade (impactos) das iniciativas, de acordo com os resultados alcançados.

As experiências em curso mostram que a estratégia de *grantmaking* tem um grande potencial de estímulo ao desenvolvimento local, já que, por meio do apoio a organizações e grupos de base, é possível fortalecer o capital social de territórios e comunidades. O conceito de capital social está relacionado ao conjunto de relações sociais e instituições que, articuladas em torno de objetivos e estratégias comuns, contribuem para ampliar o potencial de desenvolvimento socioeconômico de uma comunidade. No caso, o capital social diz respeito aos níveis de organização de uma sociedade e à riqueza das interações entre os indivíduos, condição fundamental para o desenvolvimento.

De acordo com as pessoas entrevistadas:

“As práticas de grantmaking trazem um novo olhar para o investimento social privado. Essa é uma ‘boa provocação’, que faz com que as e os investidores saiam da zona de conforto, mostrando a possibilidade de abraçar novas pautas, principalmente no campo da sociedade civil e para públicos diversificados”. (Fabio Deboni)

“As organizações comunitárias são um campo de doação segura. Nós, os membros da Rede, temos know-how de milhares de apoios direto feitos



com total segurança e sucesso. Nosso diálogo com o Gife é importante porque podemos oferecer apoio sobre como temos atuado no campo do fortalecimento das organizações locais”. (Maria Amalia Souza)

“Expertise de grantmaking também é uma questão relevante porque a gente vê, até pelo Censo GIFE, que as fundações ainda não trabalham essa questão de maneira tão estratégica, e para nós, organizações de filantropia comunitária, esse é o nosso centro. Acreditamos que essa é uma forma de realmente fortalecer a sociedade civil organizada. Mobilizando e doando recursos”. (Mariane Maier Nunes)

Experiências de filantropia comunitária no Brasil. Parcerias com organizações doadoras locais

No contexto brasileiro, é importante reconhecer a presença de experiências desenvolvidas por institutos e fundações empresariais e familiares, que investem recursos voltados ao apoio e à promoção do desenvolvimento comunitário.

De forma geral, podemos destacar que os entrevistados ressaltaram a importância de aproximar os campos do investimento social privado das práticas da filantropia comunitária:

“Há um movimento potente no Brasil que não se enxerga embaixo dessa bandeira, entretanto, existem experiências em andamento que vão ao encontro da atuação das empresas nos territórios e no relacionamento com as comunidades. A discussão sobre filantropia comunitária é uma provocação importante para ‘sair do piloto automático’ e para explorar estratégias de atuação do investimento social privado que dialoguem com o grantmaking e com uma agenda vinculada aos direitos.” (Fabio Deboni)

“A parceria de organizações comunitárias com fundações e institutos empresariais agrega valor para essas fundações porque estamos muito mais próximos do que está acontecendo na comunidade. Temos relações de liderança e confiança construídas.”(Mariane Maier Nunes)

Neste documento nos referiremos a três experiências: Instituto Arapyáú e organização comunitária Tabôa - Fortalecimento Comunitário; Fundação Tide Setúbal e Fundo Zona Leste Sustentável; e Instituto C&A e ICOM.



Instituto Arapyaú e Tabôa - Fortalecimento Comunitário

O Arapyaú desenvolve ações e fornece apoio estratégico, financeiro e de articulação a organizações e grupos que trabalham para a promoção do desenvolvimento sustentável. No contexto dos seus programas de atuação, a ideia da criação da Tabôa - Fortalecimento Comunitário teve início no contexto da discussão do Plano de Referência Urbanístico e Ambiental (PRUA) de Serra Grande (Bahia), quando surgiu a demanda por uma agência de desenvolvimento econômico na região. A ideia foi apoiada pelo poder público, por lideranças comunitárias e por organizações locais. O Instituto Arapyaú acreditou nessa ideia e formou o Comitê Assessor Voluntário, composto por pessoas de áreas multidisciplinares e voltado à criação de um plano de implantação de um fundo. No processo de concepção dessa iniciativa, o Comitê concluiu que para alavancar a economia local seria preciso fortalecer, além dos negócios, as organizações da sociedade civil responsáveis por atuar no cuidado do território. O crédito, a capacitação e as assessorias tornaram-se as ferramentas estratégicas dessa iniciativa.

A Tabôa - Fortalecimento Comunitário - foi criada em 2014 com a finalidade de fomentar a autonomia da comunidade por meio do apoio a empreendedores, negócios e organizações da sociedade civil, com programas voltados ao fortalecimento econômico e comunitário. Ela é movida pela crença de que é possível que as comunidades se tornem modelos inspiradores de sustentabilidade, prosperidade e qualidade da vida.

De acordo com as entrevistas realizadas:

“O Arapyaú parte da concepção de que para promover o desenvolvimento territorial é importante fortalecer o tecido social a partir do apoio a pequenos projetos. A criação da Tabôa - Fortalecimento Comunitário surge para poder administrar/gerir esse fundo localmente. O Arapyaú continua fazendo aportes anuais e, inclusive, tem buscado outros financiadores que contribuam para o fundo [...] as fundações comunitárias são canais importantes para a promoção da filantropia local e dos negócios territoriais por meio de estratégias como o microcrédito”. (Thaís Ferraz)

Fundação Tide Setubal e o Fundo Zona Leste Sustentável

A ideia da criação do Fundo Zona Leste Sustentável nasceu em 2008, quando a Fundação Tide Setubal iniciou um trabalho de pesquisa ligado à temática das fundações comunitárias e do desenvolvimento local. O objetivo



era conhecer experiências existentes, buscando obter subsídios para o aprofundamento das ações de desenvolvimento local realizadas pela organização na zona leste de São Paulo. Naquele momento, a Fundação enxergava o estímulo à criação de uma Fundação Comunitária como um dos caminhos possíveis para induzir um processo de desenvolvimento local realmente efetivo na região. Esse modelo de organização poderia trabalhar os aspectos da mobilização comunitária e da governança local de forma autônoma e inclusiva. Na época, foi identificada também a existência de diversas organizações que agiam isoladamente na região e dificilmente conseguiam obter resultados dos esforços e recursos aplicados. Existiam, também, diversos empreendedores locais que dificilmente se desenvolveriam frequentando somente os programas de capacitação realizados por essas instituições, pois dependiam de um mínimo de capital para poderem tornar seus empreendimentos viáveis. Ao mesmo tempo, havia vários investidores sociais aplicando recursos em projetos de empreendedorismo, porém de forma pontual e não sistêmica, gerando um impacto de alcance bastante reduzido, do ponto de vista social.

Para aprofundar a discussão sobre essas temáticas, em agosto de 2009 a Fundação Tide Setubal promoveu um evento denominado “Fundações Comunitárias e Desenvolvimento Local: desafios e oportunidades”, que reuniu representantes de organizações públicas e privadas, além de lideranças comunitárias, com o objetivo de apresentar e discutir os resultados do trabalho de pesquisa realizado e colher novos subsídios para a formatação final do Fundo, que foi lançado oficialmente em setembro de 2010. O primeiro aporte de recursos veio da Fundação Tide Setubal e de outras organizações e pessoas físicas que, direta ou indiretamente, tinham vínculos com a região.

Fundo Comunitário de Reconstrução de SC - ICOM

O Fundo Comunitário de Reconstrução é uma estratégia utilizada pelo ICOM para responder a desastres naturais e calamidades públicas, cujos princípios são o protagonismo comunitário e a atuação em rede. Em 2008, com as enchentes e deslizamentos que afetaram o estado de Santa Catarina, território de atuação, o ICOM criou o primeiro fundo de reconstrução visando sensibilizar e mobilizar doações de empresas e indivíduos.

Em janeiro de 2018 fortes chuvas trouxeram novamente dezenas de estragos em 21 municípios de Santa Catarina, onde milhares de pessoas foram afetadas. Exercendo seu papel como organização de filantropia comunitária,



com rápida capacidade de resposta aos desafios locais, o ICOM mais uma vez iniciou um processo de mobilização e articulação da comunidade por meio do fundo, que foi correalizado com a Secretaria de Estado da Defesa Civil de Santa Catarina e com uma OSC local. Foram também realizadas parcerias com Prefeituras, Defesas Cíveis e Secretarias de Assistência Social Municipais de nove municípios, o que possibilitou legitimidade e uma grande mobilização para atuação em rede.

Em menos de três semanas, o ICOM mobilizou R\$253.500,00 de 05 organizações e 73 indivíduos que doaram para apoiar as famílias e OSCs afetadas. A iniciativa contou com a parceria e apoio financeiro do Instituto C&A e empresas locais, Grupo Koerich, Involves, Asas Incorporações e Habitat e Cacij.

As doações apoiaram três Organizações da Sociedade Civil que foram severamente atingidas com as chuvas e cerca de 200 pessoas e 55 famílias, de nove municípios foram beneficiadas de acordo com as prioridades de cada município parceiro.

A partir das experiências apresentadas é possível afirmar que as temáticas relacionadas ao desenvolvimento local/territorial representam linhas de atuação destacadas no campo do investimento social privado, com importantes pontos de conexão com a filantropia comunitária.

De fato, trata-se de temas amplos e complexos, já que os conceitos de desenvolvimento local e comunitário demonstram o “quanto o desenvolvimento em si não segue um único e definitivo modelo, não é um projeto pré-formatado que se ‘implante’ em algum território, mas antes um processo de construção coletiva, tendo a comunidade como seu grande agente transformador (...)” (NOBRE; LIGABUE, 2010, p. 9-10).

A realidade tem mostrado que, para obter sucesso nos processos de desenvolvimento, é preciso manter um diálogo constante e construir parcerias efetivas entre todos esses atores, estabelecendo novos padrões de governança territorial. Como realizar essa tarefa e qual seria o papel das fundações empresariais e empresas são alguns dos pontos que exigem maior discussão e aprofundamento.



Experiências de ampliação e fortalecimento da filantropia comunitária no Brasil

Embora os fundos e fundações comunitárias sejam atores destacados no campo da filantropia comunitária, é importante reconhecer a existência de um conjunto diversificado de estratégias e ações desenvolvidas nessa área de atuação.

As práticas de filantropia comunitária só existem porque há um conjunto de experiências sendo desenvolvidas. A partir da análise do cenário, é possível afirmar que, embora existam diversas iniciativas que poderiam ser identificadas como práticas ligadas à filantropia comunitária, muitas delas não o são. Partindo dessa ideia inicial, e também diante da necessidade de expandir e fortalecer iniciativas de filantropia comunitária no Brasil, apresentamos duas experiências significativas desenvolvidas respectivamente pelo Fundo Socioambiental Casa e o Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) que têm esse foco prioritário de atuação.

Uma ação que contribuiu para a identificação das práticas de filantropia comunitária no Brasil foi o **programa Casa Comunidades**, desenvolvido pelo Fundo Socioambiental Casa com apoio da GFCF, em 2017. O Programa teve como objetivo ampliar e fortalecer a filantropia comunitária no Brasil a partir da identificação e reconhecimento de iniciativas existentes, desenvolvidas por organizações e grupos de base (apoiados pelo Casa) que mobilizam recursos locais para serem revertidos ou reinvestidos nas comunidades. Essa iniciativa conseguiu reconhecer a existência de diversas práticas e estratégias de mobilização de recursos locais que já estão sendo desenvolvidas, mas que muitas vezes não têm visibilidade ou reconhecimento público nem no país nem no âmbito internacional. Doações de pessoas físicas, fundos rotativos e comunitários, bancos comunitários, microcrédito, negócios sociais etc. — muitas delas ligadas à economia solidária — são iniciativas diversificadas, que procuram gerar e alavancar recursos para garantir a sustentabilidade financeira de organizações comunitárias e levar à frente suas ações voltadas para o desenvolvimento das comunidades de atuação.

Como mencionamos, essas experiências (muitas delas ligadas à economia solidária) dialogam de forma direta e têm pontos de convergência com a filantropia comunitária, na medida que representam estratégias de mobilização/geração de recursos locais — por diversos atores — para serem revertidos nas comunidades, valorizando o protagonismo de atores locais com capacidade de articulação social.



De acordo com Paul Singer, a economia solidária é um modo de produção que tem por princípios básicos a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. Nas palavras do economista:

“A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda” (SINGER, 2002, p. 10).

Entre as iniciativas de economia solidária (ECOSOL), destacam-se: associações e grupos de produtores; cooperativas de agricultura familiar; cooperativas de coleta e reciclagem; empresas recuperadas assumidas pelos trabalhadores; redes de produção, comercialização e consumo; bancos comunitários; cooperativas de crédito; clubes de trocas; entre outras. Veja abaixo uma breve explicação de algumas dessas experiências:

✓ **Microcrédito e apoio a empreendedores:**

O microcrédito é caracterizado pela simplicidade e agilidade na análise, aprovação e liberação dos recursos. Os financiamentos concedidos pelas instituições mantêm algumas características: são voltados ao financiamento das atividades produtivas dos pequenos negócios; o valor financiado é compatível com as necessidades do negócio e da capacidade de pagamento; solicitações de garantias reais (patrimônio) são raras. As mais praticadas são o aval solidário (grupo de pessoas que tomam crédito e prestam aval solidariamente). Os juros cobrados nos microcréditos concedidos são de caráter social e não estão atrelados às taxas estabelecidas pelo sistema bancário tradicional.

✓ **Bancos comunitários:**

São serviços financeiros solidários que atuam em rede, de natureza associativa e comunitária, voltados para a geração de trabalho e renda sob a perspectiva de reorganização das economias locais, tendo por base os princípios da Economia Solidária. Seu objetivo é promover o desenvolvimento de territórios



de baixa renda, por meio do fomento à criação de redes locais de produção e consumo. Baseia-se no apoio às iniciativas da economia popular e solidária em seus diversos âmbitos, como: pequenos empreendimentos produtivos, prestação de serviços, apoio à comercialização e o vasto campo das pequenas economias populares. Os bancos comunitários podem realizar operações financeiras (inclusive de microcrédito) tanto em moeda convencional (Real), como em moedas sociais, complementares ao Real.

✓ **Fundos rotativos:**

Os fundos rotativos são caracterizados como uma organização informal de crédito, sendo mais comuns no meio rural. Têm sido criados normalmente por iniciativas de ONGs, governos municipais, movimentos populares e associações de produtores. Esses fundos tornam o crédito mais acessível e democrático, dando oportunidades aos agricultores de participarem de sua gestão. Essas experiências têm contribuído para a construção de propostas de crédito rural compatíveis com a realidade e a diversidade dos agricultores familiares. Os fundos rotativos são um importante instrumento das organizações dos agricultores, já que os financiamentos se destinam prioritariamente a grupos e associações.

✓ **Negócios sociais de impacto:**

De acordo com a publicação Força Tarefa de Finanças Sociais, “os negócios de impacto social e/ou ambiental [...] são ‘empreendimentos que têm a missão explícita de gerar impacto socioambiental ao mesmo tempo que geram resultado financeiro positivo e de forma sustentável” (2015a, p. 5 apud BRETTAS, 2018). O investimento de impacto e os negócios sociais são instrumentos que compõem o conjunto de ferramentas de institutos e fundações. Existem três razões pelas quais o investimento de impacto é importante para os doadores: 1) é uma ferramenta poderosa usada para alavancar o capital na filantropia. Os retornos de investimentos podem ser reaplicados várias vezes para gerar impacto; 2) permite que os doadores tenham mais liberdade e flexibilidade. Eles podem testar formas inovadoras de atingir retorno financeiro conforme buscam impacto.



Organizações sem fins lucrativos e com fins lucrativos podem ser apoiadas; 3) os doadores usam o investimento de impacto para dar nova vida às suas estratégias de filantropia. Muitos demonstram grande satisfação após incorporarem o conceito e redesenharem sua abordagem habitual para mudanças sociais e ambientais.

Por sua vez, a iniciativa **Mapeamento e fortalecimento de organizações e iniciativas de atuação comunitária no estado de São Paulo**, desenvolvida pelo IDIS em parceria com a Mott Foundation, também é voltada ao fortalecimento do campo. Ela tem a finalidade de conhecer iniciativas sociais e organizações que atuam em comunidades, para entender como elas trabalham juntas e com envolvimento direto da população local na busca de soluções para seus desafios. A partir dessa compreensão, a ideia é fortalecer o movimento de quatro maneiras: 1) mostrar o crescimento do número de organizações e iniciativas comunitárias; 2) analisar perfis de atuação, diferentes modelos e estratégias de operação, desafios, principais ativos, sonhos e motivações; 3) estimular a troca de experiências e construção conjunta de conhecimento; e 4) aumentar a visibilidade e o interesse de investidores pelas iniciativas sociais comunitárias, apresentando-as como alternativas de investimento.

O estudo "Filantropia Comunitária: Terreno Fértil para o Desenvolvimento Social" (realizado pelo IDIS com apoio da Fundação Charles Stewart Mott) está disponível em: https://www.idis.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Relatorio_Filantropia_3_final.pdf

Engajados em aprofundar e potencializar esse campo de atuação no Brasil, a Rede de Filantropia para a Justiça Social, o GFCF e o GIFE criaram uma parceria para desenvolver a iniciativa "**Expandindo e Fortalecendo a Filantropia Comunitária no Brasil**" que teve o intuito de aproximar e construir pontes entre pequenos fundos, movimentos, organizações da sociedade civil e doadores com a finalidade de:

(i) Realizar debates e promover a troca de experiências com atores que atuam no campo da filantropia e do investimento social privado (ISP)

(ii) Engajar de atores que já atuam na área social e sensibilizar novos



que trabalham no campo da filantropia e do investimento social privado;

(iii) Oferecer apoio/assessoria a doadores e organizações locais que queiram desenvolver ações no campo da filantropia comunitária.

De acordo com um dos os entrevistados,

“Essa iniciativa é importante para renovar o repertório de atuação das fundações e institutos empresariais porque tem como foco mobilizar fundações e empresas para que sejam doadoras para a sociedade civil. Existe uma grande necessidade por parte das empresas de criar modelos inovadores de desenvolvimento territorial e comunitário.” (Fabio Deboni)

No contexto dessa parceria foram desenvolvidos encontros presenciais marcados pela participação de atores com perfis diferenciados. Os eventos delinearam eixos norteadores centrais para o debate e para a construção de propostas efetivas de consolidação da filantropia comunitária, como uma agenda prioritária no contexto brasileiro.

É importante ressaltar que a criação de debates e ações em espaços diversos – que representem também a diversidade de identidades políticas e suas intersecções– aprofunda a possibilidade de parcerias, de trocas de experiências entre grupos, fundos, movimentos, etc., tornando mais coletivo o processo de construção do campo da filantropia comunitária no Brasil. Não se trata, então, de simplesmente criar ligações entre doadores e financiadores e movimentos, grupos e fundos, mas de criar fortes redes entre todas as partes envolvidas.

Encontro sobre Filantropia Comunitária

Realizado em São Paulo no dia 31/10/2018, o encontro para debater a temática da filantropia comunitária funcionou como uma reunião expandida entre membros da Rede de Filantropia para a Justiça Social, associados do GIFE e parceiros nacionais e internacionais. Contou, também, com a presença de coletivos diversos atuantes e/ou interessados na temática. Um grupo de 38 pessoas esteve presente, oriundas de organizações que atuam no campo filantrópico e



do investimento social privado⁷.

A palestra de Jenny Hogdson, diretora executiva da GFCF, destacou elementos importantes sobre o conceito, a história, os potenciais e os desafios inerentes à filantropia comunitária nos âmbitos internacional e nacional, ressaltando a importância de:

- ✓ Refletir sobre o conceito de filantropia comunitária a partir de valores e práticas como amor, empatia, confiança, crescimento coletivo e dinâmicas de “baixo para cima”;
- ✓ Fomentar a capacitação institucional para atuação em processos locais e comunitários;
- ✓ Promover redes que fortaleçam o campo;
- ✓ Articular o campo da filantropia comunitária com as comunidades, formuladores de políticas, governos e agências internacionais de desenvolvimento;
- ✓ Promover o grantmaking como ferramenta essencial para o desenvolvimento comunitário;
- ✓ Fomentar a criação de fundos para a apoio às organizações da sociedade civil a partir de pequenas doações como forma de alcançar grandes transformações.

Em alinhamento com os pontos sistematizados acima, mas com a lente das iniciativas práticas desenvolvidas em diversas regiões do Brasil, podemos sintetizar as discussões do dia nas seguintes considerações e questionamentos:

⁷ Estiveram presentes no evento representantes das seguintes instituições: Global Fund for Community Foundations; OAK Foundation; Global Communities; WINGS; Action Aid; Fundo Socioambiental CASA; Fundo ELAS; Fundo Brasil de Direitos Humanos; Fundo Baobá; Fundo Positivo; Tabôa; Casa Fluminense; Instituto Baixada; ICOM; Fundação Tide Setúbal; Fundação Amazonas Sustentável; IDIS; Instituto Ibirapitanga; Prosas; Instituto Arredondar; Sitawi Finanças do Bem; Instituto Sabin; Instituto Criança é Vida; Mobiliza e GIFE.



- ✓ Como expandir e fortalecer a filantropia no Brasil?
- ✓ Como atrair novos investidores? Quem são os novos investidores? É preciso refletir sobre a diversificação do investimento social.
- ✓ Importância do fortalecimento da sociedade civil na defesa dos direitos, democracia e desenvolvimento sustentável, especialmente na conjuntura política atual
- ✓ Importância do trabalho coletivo, mobilizado nas bases e executado de maneira horizontal.
- ✓ Mapeamento e visibilização de iniciativas e comunidades que atuam no campo da filantropia comunitária.
- ✓ Fomento às parcerias e redes, inclusive no que se refere à produção de conhecimentos sobre o campo: pesquisas, metodologias de gestão e desenvolvimento, capacitação.

Para mais informações sobre os resultados deste encontro, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=GiQQaXRA2xE>.

Seminário Expandindo e fortalecendo a filantropia comunitária no Brasil

O seminário "Expandindo e Fortalecendo a Filantropia Comunitária no Brasil" foi realizado no dia 11/06/2019, em São Paulo. Foi promovido e organizado pela Rede de Filantropia para a Justiça Social, e contou com apoio institucional do GIFE, o apoio do *Global Fund for Community Foundations* (GFCF), do Instituto Sabin e Instituto C&A, e parcerias do *Worldwide Initiatives for Grantmaker Support* (WINGS), RedEAmérica, Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) e *Philanthropy for Social Justice & Peace* (PSJP). O seminário, concebido e executado em parceria e a partir de processos de consulta com diversos *stakeholders*, reuniu mais de 100 pessoas de 60 organizações de naturezas diversas - entre fundos comunitários, fundações e institutos empresariais, movimentos sociais e organizações da sociedade civil. Com um total de 107 participantes, sendo 73% de mulheres e 26% de homens, 55% do público presente pertencia a organizações, enquanto que 44% era de organizações doadoras. Desta forma, nota-se que foi possível uma aproximação entre doadores e organizações, mas de nenhuma



forma as organizações estavam sub-representadas. Muito pelo contrário, eram a maioria e estavam com voz para falar e trazer suas ideias para o evento.

Além de apresentar o debate histórico e conceitual sobre a filantropia comunitária em âmbito global, com aportes mais uma vez compartilhados por Jenny Hogdson, o seminário priorizou, através da socialização de pesquisas e da dinamização de painéis e oficinas temáticas, a interlocução entre atores diversos e a troca de experiências concretas realizadas neste campo em diferentes regiões do Brasil⁸.

No painel "Pesquisas e Tendências da Filantropia Comunitária no Brasil", três organizações – Rede de Filantropia para a Justiça Social, GIFE e IDIS – apresentaram algumas tendências e mapeamentos vinculados ao campo filantrópico brasileiro a partir de estudos e pesquisas desenvolvidas com diversos escopos e metodologias. A partir de compartilhamento de resultados e experiências, a mesa permitiu a criação de um panorama geral sobre a filantropia local, um diagnóstico capaz de provocar reflexões e estimular o entendimento de possíveis obstáculos e problemas enfrentados no campo da filantropia comunitária no Brasil.

No painel "Grantmaking e investimento social privado: experiências de apoio à sociedade civil como estratégia de desenvolvimento", representantes do Fundo Socioambiental CASA, do Fundo ELAS, do Fundo Baobá e do Instituto Sabin puderam dialogar com representantes de organizações comunitárias sobre a importância da parceria entre doadores e bases para o desenvolvimento de iniciativas concretas, efetivas e relevantes no campo da filantropia comunitária. Neste sentido, foram apresentadas experiências como as da Associação Indígena Kisêdjê (AIK), do Mato Grosso, que criou um fundo comunitário para viabilizar a venda de artesanatos e produções da aldeia, e as da organização Caranguejo Uçá, que fomenta coletivos de resistência na periferia de Recife. Alguns depoimentos contribuem para dimensionar a importância da temática trabalhada neste painel:

"Nós, indígenas, vivemos no centro da mata. Como captar recursos para desenvolver projetos dentro da comunidade? É um desafio. Conseguimos conquistar nosso território, mas tivemos que mudar de terra. Tudo estava degradado, não tinha mais mata. Começamos a plantar e criamos a associação. Iniciamos o plantio por conta própria, sem recurso mesmo. O recurso somos nós. A primeira experiência de projeto foi o Fundo CASA, que foi um projeto de 10 mil reais. Depois tivemos outros apoios. Produzimos óleo

8

A programação do seminário encontra-se disponível em anexo (anexo 1).



de pequi, pimenta e artesanato. A partir daí pensamos em criar um fundo comunitário, criamos o Fundo Kisêdjê.” (Winti Suyá Kisêdjê)

“Para nós na periferia é fundamental essa troca nesse seminário. Passamos 10 anos atuando sem CNPJ, construindo as coisas em parceria. Depois, conseguimos nós mesmos fazer projeto. E o Fundo CASA foi fundamental nisso. Depois tiveram investimentos internacionais também. Quando se fala em capacidade, que tipo de capacidade é essa? Precisamos fortalecer coletivos de resistência, construir junto, visibilizar isso. Confiar nos atores da periferia não é só confiar, é conhecer. É fundamental estar aqui hoje conversando sobre isso. É fundamental o diálogo e a escuta, potencializando aquilo que a gente já faz, compreendendo que as pessoas no território são potências. E estamos aqui para criar junto uma outra forma de sociedade.” (Teresinha Filha)

Na parte da tarde, os/as participantes do evento puderam escolher entre duas opções de oficinas temáticas a) Experiências de filantropia comunitária: fundos de apoio à sociedade civil e b) “Mapeamento, articulações e parcerias para o desenvolvimento comunitário.

A oficina “Experiências de filantropia comunitária: fundos de apoio à sociedade civil” teve a finalidade de refletir em torno das seguintes questões: “de que maneira os fundos contribuem para o desenvolvimento comunitário?” e “Como estimular a cultura de doação para além das fontes tradicionais de recursos?”. A partir do debate surgiram as seguintes ideias e reflexões:

- ✓ Há uma dificuldade latente relacionada à compreensão sobre a importância dos fundos comunitários e, portanto, uma dificuldade em comunicar ações e iniciativas vinculadas à filantropia comunitária.
- ✓ É preciso pautar que a busca e conquista por recursos que cheguem nas bases e incidam sobre causas relevantes faz parte de uma luta política que requer a construção de relações de confiança. A filantropia comunitária pressupõe relações de confiança. Como construí-las? Através da proximidade com as pessoas colocando a ênfase ao tratamento igualitário, de ações de desenvolvimento de capacidades, do aprimoramento de ferramentas de mapeamento, do estabelecimento de alianças etc.
- ✓ É preciso fomentar a independência e a autonomia das comunita-



des em relação aos recursos financeiros. Neste sentido, o engajamento das comunidades em seus próprios processos de desenvolvimento é de suma importância para a filantropia comunitária. Há que se fortalecer a discussão sobre corresponsabilidade, protagonismo e empoderamento nas dinâmicas de captação e uso de recursos.

- ✓ Os recursos não são apenas financeiros. É preciso aguçar o olhar para a identificação de potencialidades nos saberes e iniciativas locais, além de propor atividades de formação, assessorias, capacitações técnicas etc.
- ✓ É importante entender que o setor privado não tem como dar conta de todas as demandas emergentes das comunidades, de modo que a articulação dos atores de filantropia com atores governamentais, gestores de políticas públicas e universidades deve ser considerada uma estratégia relevante. Construir redes é fundamental.

A oficina “Mapeamento, articulações e parcerias para o desenvolvimento comunitário” teve como objetivo promover a reflexão e o debate sobre a importância das ferramentas de mapeamento e fortalecimento de redes para os processos de mobilização, produção de informação/conhecimento e incidência política nas comunidades apoiadas por fundos e demais organizações. O aprimoramento de tais metodologias é fundamental para a percepção de demandas, potencialidades, oportunidades e urgências emergentes das bases. Além disso, quando desenvolvidas de maneira participativa e inclusiva, subvertem a relação hierarquia/subordinação e ajudam a produzir engajamento e estratégias de comunicação mais efetivas sobre determinadas ações. Deveria ser, portanto, parte criteriosa das estratégias de todos aqueles que se dedicam a fortalecer iniciativas de filantropia comunitária. As experiências compartilhadas na oficina, somadas àquelas socializadas pelo público da plenária, coincidem no discurso e prática de valorização das redes, do diálogo, das relações de confiança e horizontalidade, dos saberes e protagonismos locais e da construção coletiva de soluções, especialmente em se tratando do momento político atual.

O painel de encerramento “A importância das redes para o fortalecimento dos ecossistemas filantrópicos e para o desenvolvimento comunitário” teve como finalidade disseminar experiências sobre as redes comunitárias, regionais e internacionais, provocando reflexões sobre suas atuações, salientando acer-



tos, desafios e contribuições no campo do desenvolvimento comunitário e da filantropia. Podemos destacar algumas falas que dão conta de demonstrar a força e importância deste tema para os objetivos do seminário:

“O Instituto Baixada atua no Maranhão. Nosso estado sempre foi um desafio para nós, porque não é um estado igualitário. É estratégico, com concentração de renda e sempre à margem do desenvolvimento. Por que não conseguimos nos desenvolver e desenvolver nosso território? Não são fundos que criam comunidades, e sim comunidades que criam os desenhos dos fundos. Como articular as comunidades para identificar recursos, visibilizá-los para transformá-los? Temos o Fundo Embaixadeiro Voluntário e o Embaixadeiro Doador. Cada baixadeiro é um fundo vivo, que se junta com outra pessoa que forma um grande fundo. Nossa filantropia é baseada em pessoas. E o que fica? A gente foi reconhecido como território. Isso foi muito importante para formar a nossa identidade.” (Diane Souza)

“Fizemos uma parceria há três anos com o Fundo CASA para fortalecer a Rede de Bancos Comunitários na Bahia. Os bancos comunitários são nada mais do que uma ligação da economia solidária. São 137 bancos comunitários hoje. Na Bahia existe uma rede com 10 bancos comunitários. Cada um tem o seu CAC – Conselho de Avaliação de Crédito, em que é avaliado o crédito. Temos o único banco quilombola no estado, que atende a várias comunidades, o Banco Solidário Quilombola do Iguape. A ideia é envolver a comunidade para desenvolver o banco comunitário. Não acreditamos em banco comunitário que só trabalhe com moeda social. Precisa ter mobilização e articulação com atores locais, iniciativas produtivas. Isso criou uma referência a nível estadual, criou discussão no estado.” (Ananias Viana)

A RedEAmérica apresentou a experiência do “Fundo Comunidade em Rede”, desenvolvida entre 2012 e 2017 em 11 municípios e com mais de 200 organizações sociais participantes articuladas em rede, tendo atingido mais de 20.000 pessoas. Como desafios identificados após a conclusão do trabalho, destacam-se: promoção permanente do diálogo entre os setores privado, público e social; construção coletiva e multi-liderança; interação permanente entre todos os envolvidos (criação e gestão de canais de comunicação); avaliação e monitoramento pelas redes dos projetos em rede; adequação às diferentes características das organizações de base; criar condições para as redes permanecerem em desenvolvimento.

Foram também apresentadas experiências desenvolvidas no contexto da Rede Ibero-americana de Fundações Comunitárias. As organizações articuladas em redes foram fundamentais para a mobilização de comunidades atingidas



por desastres naturais (enchentes, furacões, etc.), por exemplo, especialmente para oferecer ajuda e soluções frente ao cenário de calamidade.

Finalmente, o representante do WINGS provocou o debate a partir dos seguintes questionamentos: Qual é o valor dessas redes? Desses ecossistemas de apoio à filantropia? Que tipo de atores fortalecem esse setor? Qual tipo de rede promove esse setor? Chamou atenção para a importância de diversificação da filantropia, ainda muito corporativa. Apresentou a experiência "*Lift Up Philanthropy*"⁹, que busca promover a importância do desenvolvimento dos ecossistemas de apoio à filantropia e seu impacto positivo no setor.

Tanto os elementos presentes nos relatos acima quanto as demais contribuições socializadas no seminário nos permitem destacar, à título de síntese, que o conceito de filantropia comunitária não pode ser concebido como um modelo pronto e aplicado automaticamente: ela está presente em práticas cotidianas de organização da sociedade que se mobiliza em prol de interesses comuns e coletivos. Assim, o desafio posto é dar visibilidade às experiências existentes, bem como fortalecê-las a partir de suas próprias potencialidades, consolidando um terreno fértil para a construção horizontal de caminhos de desenvolvimento duradouro e autônomo.

É preciso implicar os financiadores neste debate para que possam repensar seu papel, sua atuação e sua relação com os projetos e comunidades com os quais dialogam. Comunicação, metodologias coletivas, alinhamentos de tempos, escalas e recursos. Ponderação sensível entre formalidades, burocracias e sutilezas das relações humanas. A filantropia comunitária, tal qual discutida no seminário, diz respeito à produção de uma nova tecnologia social que se baseia no propósito da democratização do acesso à recursos e na valorização da diversidade de saberes. A articulação em redes e as parcerias são as chaves para a sua expansão e fortalecimento.

Os resultados do evento foram, de forma geral, muito positivos. Através de uma avaliação do seminário, realizada através de questionários aos participantes, é possível ter um panorama do impacto que tal encontro possa ter gerado para o público presente. Aproximadamente 58% das pessoas avaliaram como "muito satisfatória" a programação e os temas abordados no evento. Além disso, aproximadamente 65% das pessoas presentes avaliaram como "muito significativo" o

⁹ *#LiftUpPhilanthropy é uma campanha global e aberta para aumentar a importância estratégica e o valor do desenvolvimento da filantropia. Seu objetivo é aumentar a conscientização dos financiadores sobre a importância de investir no ecossistema ou infraestrutura de suporte que permite que a filantropia se desenvolva em crescimento, qualidade e diversidade.*



impacto que os debates e programação terão para suas organizações. Tratou-se, então, de um evento que contribuiu com: aprendizados sobre o campo da filantropia comunitária, articulações, possíveis parcerias entre organizações ou entre organização e doadores e muitas outras experiências enriquecedoras para o público presente.

Para maiores informações sobre o seminário, acesse os vídeos produzidos no contexto desta iniciativa http://www.redefilantropia.org.br/videos_ler.php?id=186 e http://www.redefilantropia.org.br/videos_ler.php?id=197 e a matéria publicada no Boletim do GIFE: <https://gife.org.br/seminario-aborda-diferentes-formas-de-filantropia-comunitaria-no-brasil/>.

Por que é importante promover a filantropia comunitária no Brasil?

O país enfrenta grandes desafios: crises econômicas, problemas de sustentabilidade financeira das organizações da sociedade civil (OSCs), altos índices de desigualdade social, situações de violações de direitos humanos, problemas relacionados à governança de recursos naturais e mudanças climáticas, encolhimento dos espaços da sociedade civil, entre outros.

Certamente, a filantropia comunitária no Brasil pode ser uma ferramenta importante na superação desses problemas, já que:

1. É uma estratégia de desenvolvimento local/territorial;
2. É uma linha de atuação voltada ao fortalecimento da sociedade civil. Trata-se de uma dinâmica que estimula a participação das pessoas nas decisões políticas e promove o acesso a direitos;
3. Estimula a construção/aprimoramento das capacidades comunitárias de modo a fazer com que as comunidades busquem meios de resolver as questões locais;
4. Coloca as pessoas como protagonistas para enfrentar os desafios contemporâneos, como a questão das desigualdades sociais, acesso aos direitos etc.;



5. Tem potencial para articular atores e estimular a criação ou fortalecer redes, aspecto fundamental para potencializar o desenvolvimento e práticas democráticas;
6. Promove mudanças sociais protagonizadas pelas comunidades;
7. Muda as relações de poder dando recursos para pessoas e instituições tomarem suas próprias decisões e moldarem seus futuros.

Como desenvolver estratégias de filantropia comunitária?

Este documento pretende oferecer também algumas orientações e reflexões para investidores sociais que já atuam no campo e para aqueles que estão interessados em desenvolver e/ou fortalecer estratégias de filantropia comunitária.

O primeiro passo é fazer uma reflexão sobre as práticas de investimento social desenvolvidas pela sua organização.

Questões para reflexão

- ✓ O conceito de filantropia comunitária é de alguma forma familiar para você e sua organização? Mesmo que seja novo, quais elementos desse conceito têm ressonância com seu trabalho como financiador/investidor?
- ✓ Como a introdução de uma “lente” de filantropia comunitária em seu trabalho pode ajudar a fortalecer seus programas em geral? Por exemplo, isso o aproximaria das comunidades que você apoia, daria mais confiança nas decisões tomadas, garantiria maior aceitação local?
- ✓ A sua organização se identifica como doadora? Como a sua organização se relaciona ou não com a abordagem de doação adotada pela sua organização? Como ela poderia contribuir para criar um ambiente propício para aumentar as doações, inclusive de novos atores?



Dicas para investidores sociais

Para alguns investidores, a filantropia comunitária tem apelo, em termos de valores fundamentais e crenças, sobre os processos de desenvolvimento local e social (de baixo para cima, liderada por pessoas, baseada em recursos e talentos etc.). Para outros, no entanto, a filantropia comunitária pode ser mais uma tática ou uma estratégia para atingir objetivos institucionais específicos. Para um terceiro grupo, trata-se das duas coisas.

Compartilhamos algumas “dicas gerais” que podem ajudar a aproximar a sua prática na direção da filantropia comunitária:

- ✓ **Faça** um estudo aprofundado do local — comunidade, território — onde pretende atuar. Identifique os principais atores, problemas e ativos locais.
- ✓ **Conheça** as pessoas, o lugar onde estão, e crie instâncias de diálogo com diversos atores. Esteja preparado para ouvir. Construa “com”, e não “para”.
- ✓ **Priorize** a expertise local: se não a temos, como encontrá-la? Considere até que ponto recursos e talentos (ativos), capacidades e confiança estão sendo promovidos (ou não) nos espaços e lugares que contam com algum tipo de financiamento/apoio.
- ✓ **Crie** espaços, redes e conexões para apoiar o trabalho na base. Promova confiança e relacionamentos entre diversos atores.
- ✓ **Valorize** a mobilização de ativos locais. Use o investimento para ajudar a criar espaços e plataformas para ações coletivas, inclusive para pensar em estratégias diversificadas de mobilização de recursos, como a criação de fundos comunitários permanentes ou temáticos ou de círculos de doadores/as, inclusive entre os/as funcionários/as da empresa e com outros empreendimentos locais. “Usar recursos de doações externas de forma a incentivar e reconhecer o valor dos recursos e contribuições locais é uma maneira simples e eficaz de ampliar a filantropia comunitária” (HODGSON; POND, 2018, p. 17).
- ✓ **Considere** a possibilidade de fazer doações para OSCs em diver-



nas áreas (por meio de estratégias de grantmaking), para públicos específicos e diferenciados, já que essa é uma estratégia de fortalecimento do tecido social.

- ✓ **Comece** devagar; considere que os processos de transformação social são complexos e de longo prazo.



Referências Bibliográficas

Atlas das Fundações Comunitárias, 2014. Acessado em: 11/09/2019. Disponível em: <http://communityfoundationatlas.org/>.

Balkan Civil Society Development Network. **Lift Up Philanthropy: Unlocking Philanthropy's Potential**. 2018. Acesso em: 11/09/2019. Disponível em: <http://www.balkancsd.net/lift-up-philanthropy-unlocking-philanthropys-potential/>.

Censo GIFE 2016. Acessado em: 11/09/2019. Disponível em: https://gife.org.br/wp/media/2018/12/DADOS-GERAIS-v5_Final.pdf.

Filantropia Comunitária: terreno fértil para o desenvolvimento social. IDIS, 2019. Acessado em 11/09/2019. Disponível em: <https://www.idis.org.br/filantropia-comunitaria-terreno-fertil-para-o-desenvolvimento-social/>.

Força Tarefa de Finanças Sociais. Apud 2015, p. 5, BRETTAS, 2018.

HODGSON, J.; KNOGHT, B. **More than a poor cousin?**. 2010. Acessado em: 11/09/2019. Disponível em: <https://globalfundcommunityfoundations.org/gfcf/resources/more-than-the-poor-cousin-the-emergence-of-community-foundat-html/>.

HODGSON, J.; POND, A. **How Community Phylanthropy Shifts the power: what donors can do to help make that happen**. GRANTCRAFT - Leadership Series., [S. l.]. 2018.

KNIGHT, B. Introduction. In: HODGSON, J. et al. **The New Generation of Community Foundations**. Canada: International Development Research Centre, 2012. p. 3-4. http://www.philanthropy.org/seminars/documents/NewGenerationofCommunityFoundations_March2012.pdf.

KNIGHT, B. **What makes a strong ecosystem of support to philanthropy?**. WINGS. 2018. Acessado em: 11/09/2019. Disponível em: <https://wings.issuelab.org/resource/what-makes-a-strong-ecosystem-of-support-to-philanthropy.html>.

NOBRE, F.; LIGABUE, G. **Desenvolvimento local e fundações comunitárias em áreas urbanas: desafios e oportunidades**. São Paulo, Fundação Tide Setubal, GIFE, 2010.

Pesquisa de Avaliação e Levantamentos Internos da Rede de Filantro-



Rede para a Justiça Social. 2017. Rede de Filantropia para a Justiça Social.

Rede Ibero-americana de Fundações Comunitárias. Acessado em: 26/08/2018. Disponível em: <http://fciberoamericanas.org/pb/a-rede/>.

SANTOS, H.; MOREIRA, S. Filantropia e equidade racial no Brasil. In: HOPSTEIN, G. **Filantropia de justiça social, sociedade civil e movimentos sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: E-papers serviços editoriais Ltda., 2018. p. 139-148.

SCHUMACHER, S. Vital Brazil Ericco, **"Mulheres Negras do Brasil"**. Rio de Janeiro:Redeh/ SENAC, 2006.

SINGER, P. **Economia Solidária.** Vol 2. P.10. 2002.



Anexo 1. Programação do Seminário “Expandindo e Fortalecendo a Filantropia Comunitária no Brasil”, realizado dia 11 de junho no Hotel Golden Tower-São Paulo/SP.



Expandindo e Fortalecendo a Filantropia Comunitária no Brasil.

11 de Junho das 9h às 18h

Local: Hotel Golden Tower
Rua Dep. Lacerda Franco, 148
Pinheiros, São Paulo.

MANHÃ

9:00h	Inscrições e Coffee Break
9:30h - 09h50h	Mesa de Abertura Institucional <ul style="list-style-type: none">• Graciela Hopstein - Rede Filantropia para a Justiça Social• Ana Valeria Araujo - Fundo Brasil de Direitos Humanos.<ul style="list-style-type: none">• Lançamento da publicação: <i>Debates e reflexões sobre a Filantropia no Brasil.</i>• José Marcelo Zacchi - GIFE
09:50h - 10h30h	Filantropia Comunitária e desenvolvimento sustentável: o movimento #ShiftThePower Keynote speaker Jenny Hogdson – GFCF
10:30h - 12h	Grantmaking e Investimento Social Privado: experiências de apoio à sociedade civil como estratégia de desenvolvimento <ul style="list-style-type: none">• Cristina Orphêo - Fundo Socioambiental Casa• Winti Suyá-Kisédjê - Comunidade Kisédjê<ul style="list-style-type: none">• Fabio Deboni - Instituto Sabin• Selma Moreira - Fundo Baobá• Teresinha Maria da Silva Filha - Caranguejo Uça Moderação: Amalia Fischer - Fundo Elas
12:00h - 13h	Pesquisas e Tendências da Filantropia Comunitária no Brasil <ul style="list-style-type: none">• Raquel Altemani - IDIS• Graciela Hopstein - Rede de Filantropia para a Justiça Social.<ul style="list-style-type: none">• Erika Sanchez - GIFE Moderação: Ana Valeria Araujo - Fundo Brasil de DH
13h - 14:30h	Almoço



TARDE

Sessões paralelas (pré-inscrição)

**a) Experiências de Filantropia Comunitária:
fundos de apoio à sociedade civil**

Coordenação geral: Harley Nascimento (Fundo PositHIVO) e Karen Polaz (Gife)

**b) Mapeamento, articulações e parcerias
para o desenvolvimento comunitário**

Coordenação geral Henrique Silveira - Casa Fluminense

14:30h - 16h

16h - 16h20

Coffee Break

**A importância das redes para o fortalecimento dos ecossistemas
filantrópicos e desenvolvimento comunitário**

- Benjamin Bellegy - Wings
- Milena Porrelli Drigo Azal - Rede América
- Mariane Maier Nunes - Rede Iberoamericana de Fundações Comunitárias
- Ananias Vianna - Rede de Bancos Comunitários da Bahia
- Diane Souza - Instituto Baixada

Moderação: Fábio Almeida - Instituto C&A

16h20 - 18h

18h

Encerramento

Para mais informações acesse:
www.redefilantropia.org.br

Realização



Apoio institucional



Apoio



Parcerias





Realização



Apoio



Instituto C&A

Parceiros

